

ENCONTROS E DESENCONTROS: A REPRESENTAÇÃO DO OUTRO EM  
*CORDILHEIRA E ESTIVE EM LISBOA E LEMBREI DE VOCÊ* DA COLEÇÃO  
“AMORES EXPRESSOS”

*David de Sousa Alves Raposo\**

**Resumo:**

A presente comunicação apresenta pesquisa em andamento cujo objeto é a Coleção “Amores Expressos” iniciada no ano de 2007. A pesquisa pretende analisar os livros publicados no âmbito da coleção a partir da perspectiva da representação do “outro”, na figura do “estrangeiro”. Para tanto, apresenta um histórico do projeto literário e leituras dos romances *Cordilheira*, de Daniel Galera e *Estive em Lisboa e Lembrei de Você* de Luiz Ruffato.

**Palavras-chave:** Amores Expressos, representação, alteridade, Daniel Galera, Luiz Ruffato.

## 1. O percurso de um projeto literário

“Dezesseis escritores viajaram para dezesseis grandes metrópoles do planeta para cumprir uma missão”. Assim o narrador do *trailer* da série de documentários do projeto “Amores Expressos”<sup>1</sup> chama a atenção do espectador. A “missão” recebida por cada autor é a de ambientar uma história de amor na cidade em que viveu durante trinta dias.

O projeto “Amores Expressos” foi uma experiência inédita no mercado editorial brasileiro. Apesar de a produção de livros de encomenda não ser incomum no país, a amplitude e o escopo do projeto não tiveram paralelos<sup>2</sup>. Idealizado pelo produtor cultural Rodrigo Teixeira em 2007, tinha por objetivo produzir literatura que pudesse se desdobrar em roteiros cinematográficos (Cozer, 2011). O projeto tinha uma pretensão múltipla: além dos livros, o leitor pôde acompanhar a vivência dos autores em seus

---

\*Mestrando do Programa de Pós-graduação em Literatura e Práticas Sociais, do Departamento de Teoria Literária e Literaturas da Universidade de Brasília. E-mail: raposo.david@gmail.com

<sup>1</sup> A série foi exibida na TV Cultura em abril de 2011. O vídeo citado está disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=PwPVQ3XpGrI>> último acesso em 23/05/2013.

<sup>2</sup> Entre os muitos exemplos podemos citar a coleção “Plenos Pecados” encomendada pela editora Objetiva, A coleção “Literatura ou Morte” pela editora Companhia das Letras, ou ainda a coleção “Camisa Treze” produzida pelo mesmo Rodrigo Teixeira Literatura para a editora Ediouro. Essas coleções se constituíram de uma série de livros com temática, projeto gráfico e divulgação unificados. Não tenho conhecimento de uma série brasileira que, além da publicação, abrangesse a possibilidade de produção cinematográfica e de programas para a televisão em sua gênese.

destinos por meio de *blogs*, atualizados pelos mesmos. Além disso, uma equipe de filmagem acompanhou os escritores durante três dias de sua estadia para a produção dos documentários citados. Os escritores escolhidos realizaram suas viagens entre os meses de abril de 2007 e janeiro de 2008.

O projeto foi cercado de questionamentos desde a sua gestação. Divulgado em uma reportagem de Cadão Volpato (2007) na Folha de S. Paulo, despertou uma celeuma no campo literário brasileiro. As críticas, vocalizadas pelo escritor Marcelo Mirisola (2007), se centraram especialmente nos critérios de escolha dos autores e na utilização de dinheiro público advindo de renúncia fiscal. Os escritores teriam sido escolhidos unicamente por sua afinidade com os organizadores do projeto. É recorrente entre essas críticas de que o projeto haveria de privilegiar uma “panelinha” de amigos que garantem as melhores “boquinhas”<sup>3</sup>. A utilização de recursos públicos, como era previsto na concepção do projeto, para incentivar a produção literária de um grupo específico, sem a utilização de critérios transparentes, seria inaceitável. Com o dinheiro do contribuinte, fariam um tipo de turismo remunerado. Dada a repercussão negativa pela proposta de utilização de recursos públicos, os produtores eximiram-se de utilizar esse meio de financiamento (Cozer, 2011). O projeto continuou, custeado pelos seus produtores.

As discussões levantadas acerca do projeto “Amores Expressos” despertam uma reflexão sobre as condições de produção da literatura. Essas discussões se inserem dentro da dinâmica de lutas e disputas entre os agentes do campo literário brasileiro, no sentido admitido por Pierre Bourdieu para a ideia de campo cultural. De acordo com Jefferson Agostini Mello e Ricardo Gonçalves Barreto (2011), a profissionalização do mercado para a literatura no Brasil a partir dos anos 1980 possibilitou que certos autores pudessem viver de literatura, o que também pode ter reforçado as desigualdades de capital cultural e econômico entre aqueles mais bem posicionados na hierarquia do campo literário e os demais (p. 25). Desse modo, as animosidades e disputas entre os agentes desse campo cultural se acirraram.

O grupo de escritores escolhidos é heterogêneo, constituindo uma amostra significativa do panorama atual da literatura brasileira contemporânea. Segundo o escritor Sérgio Rodrigues, ao comentar em 2007 o anúncio do projeto, havia dentre os

---

<sup>3</sup> Sobre esse assunto, um bom ponto de partida são os comentários dos leitores do blog Todo Prosa (Rodrigues, 2007), a maioria criticando o projeto. O autor do *post*, Sérgio Rodrigues, classificou o espaço como uma “caixa de ressonância de malucos” (Cozer, 2011).

autores escolhidos “alguns inéditos em livro, alguns consagrados, a maioria no meio do caminho” (Rodrigues, 2007). O conjunto incluiu escritores como Bernardo Carvalho, Luiz Ruffato e Sérgio Sant’Anna, com carreiras já estabelecidas e premiadas há bastante tempo, escritores com carreiras em processo de consolidação como Daniel Galera e Adriana Lisboa e ainda iniciantes como Cecília Giannetti e Chico Mattoso<sup>4</sup>.

Seis anos depois (2013), é possível ter uma visão mais distanciada do projeto e uma avaliação dos objetivos atingidos. As primeiras notícias divulgadas na imprensa previam que os livros previstos seriam publicados em um prazo de quatro anos. Dos 17 autores do projeto, foram publicados oito livros<sup>5</sup>. Não havia compromisso pela editora Companhia das Letras, parceira do projeto, de publicar as obras de todos os escritores (Rodrigues, 2007). A editora, baseada em seus critérios particulares, poderia selecionar aqueles que tivessem afinidade com sua linha editorial. Dos autores restantes, sabidamente André de Leones teve seu romance recusado pela editora<sup>6</sup> e Adriana Lisboa não teria entrado em acordo para a publicação do livro, tendo o mantido inédito (Cozer, 2011). Os sete restantes tem previsão incerta de publicação<sup>7</sup>.

As obras já publicadas no âmbito da coleção “Amores Expressos”<sup>8</sup> formam um recorte de várias propostas estéticas em articulação da produção ficcional atual. Os critérios de seleção segundo João Paulo Cuenca, coordenador do projeto e também

---

<sup>4</sup> O grupo anunciado continha dezesseis escritores: Antônio Prata (Xangai), Cecília Giannetti (Berlim), Daniel Galera (Buenos Aires), João Paulo Cuenca (Tóquio), André de Leones (São Paulo), Amílcar Bettega (Istambul), Joca Reiners Terron (Cairo), Adriana Lisboa (Paris), Chico Mattoso (Havana), Lourenço Mutarelli (Nova York), (Cidade do México), Antonia Pellegrino (Bombaim), Bernardo Carvalho (São Petersburgo), Luiz Ruffato (Lisboa), Marçal Aquino (Roma) e Sérgio Sant’Anna (Praga). Marçal Aquino desistiu do projeto, alegando outros compromissos, e para substituí-lo foram incluídos os escritores Daniel Pellizzari (Dublin) e Paulo Scott (Sydney), totalizando assim dezessete autores (Cozer, 2011).

<sup>5</sup> O site da editora Companhia das Letras lista os seguintes títulos: Daniel Galera - *Cordilheira*; Bernardo Carvalho - *O Filho da Mãe*; Luiz Ruffato - *Estive em Lisboa e Lembrei de Você*; Chico Mattoso - *Nunca Vai Embora*; Joca Reiners Terron - *Do Fundo do Poço Se Vê a Lua*; Sérgio Sant’anna - *O Livro de Praga: Narrativas de Amor e Arte*; João Paulo Cuenca - *O Único Final Feliz Para uma História de Amor é um Acidente*; Paulo Scott - *Ithaca Road* e Daniel Pellizzari - *Digam a Satã que o Recado Foi Entendido*. Disponível em: [http://www.companhiadasletras.com.br/busca.php?b\\_categoria=096&b\\_filtro=livro](http://www.companhiadasletras.com.br/busca.php?b_categoria=096&b_filtro=livro), último acesso em 12/07/2013.

<sup>6</sup> No último post do seu blog do projeto André de Leones informa ao leitor da recusa do romance pela editora. Disponível em <<http://blogdoandredeleones.blogspot.com.br/>>, último acesso em 24/05/2013.

<sup>7</sup> Não há um cronograma formal de publicações. O site do projeto não existe mais. As informações dos livros só podem ser obtidas por meio de declarações dos autores, pelo anúncio de lançamentos de livros na imprensa e internet e pelas informações disponibilizadas pela editora Companhia das Letras.

<sup>8</sup> É necessário diferenciar o uso dos termos “coleção” e “projeto”. Adotamos o sentido de “coleção ‘Amores Expressos’” para o conjunto dos livros publicados e utilizamos “projeto ‘Amores expressos’” para a totalidade das ações previstas nesse evento.

participante foram “afinidade literária, interesse editorial e química com as cidades de destino” (Rodrigues, 2007). O grupo pode ser considerado representativo para o estudo de algumas tendências atuantes no campo literário brasileiro. É claro que essas não são as únicas propostas possíveis, já que o próprio projeto não possuía uma ambição totalizante em relação a escolha de autores representativos do campo literário brasileiro. Uma ambição desse tipo poderia ser considerada utópica. Uma característica da produção ficcional contemporânea é a diversidade, acentuando “uma tendência que vinha da década de 1970, de ausência de movimentos, correntes ou filiações estéticas: cada um é sua própria escola” (Ruffato, 2013). Desse modo, dada a multiplicidade inerente a essa produção, é evidente que autores com propostas estéticas distintas dos escritores selecionados para o grupo ficaram ausentes do projeto.

Mesmo com tal recorte se abre um interessante campo de possibilidades de pesquisa. Foram dadas aos autores condições similares de trabalho e de temáticas (o amor), o que permite uma comparação entre as abordagens e possibilidades narrativas exploradas. Antes de ser um fator limitante, é possível ver uma criativa apropriação dessas possibilidades. Para Rosana Corrêa Lobo “a temática do amor, que poderia se tornar piegas, como temiam os críticos ao projeto é apenas um mote capaz de se desdobrar em inúmeras histórias originais ou não” (Lobo, 2010, p. 40).

A escolha de cidades estrangeiras para as viagens do projeto (ainda que para um dos autores, o goiano André de Leones, tenha tido como destino São Paulo), o reveste de um grande significado. A proposta da coleção foi de justamente de colocar os escritores fora de seu ambiente cotidiano. Mesmo que por pouco tempo (30 dias), tiveram de se colocar na posição de estrangeiro, fora de lugar. Desse modo as narrativas produzidas poderiam ser influenciadas por esta condição.

## **2. A Coleção “Amores Expressos” sob o prisma da *poética da alteridade***

A coleção “Amores Expressos” nos permite discutir questões prementes na condição contemporânea, como a representação da identidade e da alteridade, noções intrinsecamente conectadas.

A identidade é um conceito em constante questionamento na pós-modernidade. Veem-se as identidades pós-modernas como fraturadas, em constante questionamento,

múltiplas e em choque com as antigas identidades nacionais, centralizadas e unificadas no âmbito das nações modernas. Ainda que possa se questionar se alguma vez existiu uma identidade nacional centralizada e unificada, podemos perceber que as mudanças aceleradas advindas pela globalização provocam uma nova ressignificação desses conceitos identitários, que estão em constante mutação (Hall, 2006, p. 8). As antigas noções de identidade que dão lugar e estabilidade ao sujeito estão em transformação. Para Stuart Hall, o “sujeito, previamente vivido tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas” (p. 12).

As intensas transformações advindas pela aceleração dos processos globais trazem significativas consequências para as noções de identidade. Essas consequências se traduzem na desintegração das antigas identidades nacionais, pelos processos de homogeneização cultural. Ao mesmo tempo, surgem conflitos em torno de novas identidades construídas em termos “locais” ou “étnicos” ou “particularistas”, ou ainda surge um impulso para a construção de novas identidades, “híbridas” (p. 69). Como afirma Kathrin Woodward, “as mudanças e transformações globais nas estruturas políticas e econômicas do mundo contemporâneo colocam em relevo as questões de identidade e as lutas pela afirmação e manutenção das identidades nacionais e étnicas” (Woodward, 2000, p.24).

A literatura se coloca no centro dessas questões tão presentes, uma vez que a própria construção das identidades é intrinsecamente relacionada à representação. A própria construção das ideias de identidades nacionais se formou por meio de narrativas. O *ethos* do nacionalismo se apoia, de acordo com Edward Said em “uma história amarrada de modo seletivo numa forma narrativa: todos os nacionalismos tem seus pais fundadores, seus textos básicos, quase religiosos, uma retórica do pertencer, marcos históricos e geográficos, inimigos e heróis oficiais”. (Said, 2003, p. 49) A identidade nacional, na clássica formulação de Benedict Anderson, é uma “comunidade imaginada”.

A construção da identidade é uma narrativa e, por conseguinte, fortemente associada à literatura. As obras literárias são veículos privilegiados de construção de identidade. Como no romantismo e seu projeto de elaboração de uma literatura nacional. Ao mesmo tempo em que constrói uma identidade a literatura também busca representar

o “outro”. A identidade é relacional. Como coloca Zilá Bernd “a identidade é um conceito que não pode afastar-se do de *alteridade*: a identidade que nega o outro, permanece no mesmo (Bernd, 1992, p. 17). Excluir o outro leva à visão especular que é redutora: é impossível conceber o ser fora das relações que o ligam ao outro.” (Bernd, 1992, p. 17, grifo da autora) As identidades se formam em relação a outros referentes, na qual a metáfora do espelho é bastante apropriada: “a consciência de si toma sua forma na tensão entre o olhar sobre si próprio - visão do espelho, incompleta - e o olhar do outro ou do outro de si mesmo - visão complementar” (p.17).

Tradicionalmente a literatura brasileira está mais preocupada com um dos lados da construção da identidade, ao continuamente questionar a definição de uma identidade nacional. O olhar está continuamente sobre si, o brasileiro, pela busca de uma definição de “brasilidade”. Para Rita Olivieri-Godet,

A produção romanesca brasileira não tem por tradição a travessia das fronteiras nacionais. Pelo contrário, apresenta-se autocentrada, voltada para o questionamento da formação histórica da nação, expondo as relações de força que determinam a construção de projetos identitários diversos e antagônicos (Olivieri-Godet, 2007, p.235).

É a partir da representação do estrangeiro, por meio de um jogo de oposições e semelhanças, que uma identidade nacional pode se construir. Segundo Tatiana Capaverde (2007), o estrangeiro é “o outro do familiar, o estranho; o outro do próximo, o distante, o que não faz parte, o que é de outra parte.” (Capaverde, 2007, p. 249). Mesmo fragmentadas, as identidades ainda se sustentam, em parte, por esse componente nacional da sua construção.

Não é possível negar a existência de certa tendência recente de romances ambientados em países estrangeiros como, por exemplo, *Mongólia* de Bernardo Carvalho ou *Budapeste* de Chico Buarque, que precede a coleção “Amores Expressos”. Porém, a coleção ganha originalidade no sentido que, desde o seu anúncio, tem na representação de culturas estrangeiras como característica central. É intencional a ideia de que autores devessem tentar representar em suas obras a cultura local de seus destinos e os seus habitantes, ao terem que ambientar suas tramas nas cidades para onde viajaram. Ao mesmo tempo, como viajantes, os autores também se veem na condição de

estrangeiro nesses lugares. É nesse entrelugar que essa literatura será produzida, se lançando como uma tentativa consciente de travessia de fronteiras.

As questões colocadas por esta pesquisa centram-se na representação do estrangeiro na coleção “Amores Expressos”. Partimos do pressuposto que cada obra, ao seu modo, desenvolve uma própria “poética da alteridade”, ao representar o “outro”. Assim, “as narrativas que abraçam a poética da alteridade se articulam em torno da possibilidade de nos reconhecermos no Outro, de descobrirmos, ao sermos confrontados a modos de alteridade perturbadores, os limites do irreconciliável que está em nós.” (Olivieri-Godet, 2007, p.237). Buscamos ver, nas obras da coleção, e em diferentes níveis como se constrói essa poética.

Essa etapa inicial de trabalho da pesquisa se foca nos romances produzidos por Daniel Galera e Luiz Ruffato, que, respectivamente, visitaram Buenos Aires e Lisboa no âmbito do projeto e que, juntamente com Bernardo Carvalho, foram os primeiros autores a publicar seus romances da coleção, entre 2008 e 2009. Esses livros apresentam muitas similitudes e particularidades na representação do estrangeiro.

Poderíamos situar esses romances em polos distintos do campo literário brasileiro, sendo o romance de Daniel Galera como representante de “uma literatura mais preocupada com o próprio fazer literário, que sem marcas regionais ou nacionais aparentes, possui igualmente uma ambição cosmopolita” (Mello e Barreto, 2011, p. 27), enquanto o romance de Luiz Ruffato como representante de uma “literatura que guarda relações mais evidentes com a realidade social e com discursos não literários, como o discurso sociológico e político” (p. 28).

### **3. Cordilheira e a alteridade mediada pela ficção**

Em 2007, Daniel Galera, que tinha na época 28 anos, era visto como uma “revelação” da literatura nacional. No ano anterior havia publicado *Mãos de Cavalo*, romance bastante elogiado pela crítica. Galera havia iniciado sua carreira publicando em um *fanzine* que circulava exclusivamente na internet, o *Cardosonline*, *blogs*, e depois migrado para os meios tradicionais de publicação.

*Cordilheira* foi seu quarto livro e terceiro romance. O romance conta a história de Anita, uma escritora em severas dúvidas com a carreira, e que vê a oportunidade de uma guinada radical em sua vida ao ser convidada para o lançamento da tradução do seu

único livro na Argentina. Buenos Aires surge como um lugar onde ela pode repensar sua vida até então, marcada pelo suicídio de uma amiga próxima, a morte do pai e os seus desejos intensos de maternidade, negados de forma veemente pelo seu companheiro, Danilo, que não deseja um filho com ela. Anita tem a sua trajetória transformada ao se envolver com José Holden, um escritor argentino participante de uma “confraria literária” *sui generis* cuja visão de literatura de seus participantes indistingue ficção e realidade.

Exceto pelos curtos prólogo e epílogo, contados por um narrador onisciente, o livro é narrado em 1ª pessoa. Toda a trama se passa a partir do momento que Anita embarca no avião para Buenos Aires, e, por meio de recursos a memória, conta as razões para sua “fuga”. Anita é uma narradora habilidosa, tem o domínio da palavra escrita. O fazer literário é essencial para *Cordilheira*. Toda a história gira em torno da literatura, desde o motivo que leva Anita a Buenos Aires, até o seu envolvimento com os demais personagens da trama, também escritores.

É dado a entender pelo livro que Anita pertence a uma classe média, e suas economias, o aluguel de um pequeno apartamento e o adiantamento recebido pela tradução do livro (Galera, 2008, p.24), lhe permitiriam viver com tranquilidade por algumas semanas em Buenos Aires (p. 29).

A primeira referência ao estrangeiro no romance dá uma ideia das suas expectativas dessa viagem. Anita possui um estereótipo claro do argentino, um cafajeste latino violento, ao visual característico, ao cosmopolitismo, e certo charme boêmio dos argentinos,

“a de um homem meio narigudo, magro e atlético, com corte de cabelo estilo mullet, a barba por fazer, cheirando a cigarro, sussurrando cafajestadas em castelhano e despindo seu belo casaco de lã imitado de alguma grife nova-iorquina para então montar em cima de mim e meter com força até esporrear o colo do meu útero e então desaparecer da minha vida” (p. 15).

Anita se sente desconfortável com a imagem de escritora que lhe é atribuída. Ela não se reconhece no livro que escreveu e não vê motivos para escrever. Seu único romance, *Descrições da Chuva*, escrito no fim da sua adolescência conta a historia de uma adolescente que se apaixona por um homem mais velho partiu do desejo de buscar entender a si mesma e a ausência de sua mãe, que morreu no parto dela. Ela odeia esse



livro. Agora, seu único desejo é o de maternidade, “ser a mulher de um homem” (p. 27). Esse desejo é incompreendido pelas suas amigas, e o suicídio de uma delas Alexandra, é a razão que lhe resta de passar algum tempo em Buenos Aires. Ter um filho se torna praticamente uma compulsão e é isso que orienta as ações de Anita.

Buenos Aires não provoca um sentimento de estranhamento a Anita. A arquitetura neoclássica afrancesada (p. 32) e as dificuldades iniciais de entender a língua (p. 34) lhe dão certeza que está em outro país, mas não se mostram impeditivos a sua adaptação ao novo ambiente. O sentimento que mais presente na sua estadia é o da solidão profunda, agravada com o rompimento voluntário dos laços que a ligam a vida deixada no Brasil. A arquitetura imponente da capital portenha, os ares europeus,

“só faziam agravar minha [de Anita] sensação de abandono numa cidade que tentava todo o possível para me mimar com passeios públicos generosos, gente bonita e elegante, comida deliciosa e barata, livrarias aconchegantes e fatias de torta de chocolate com doce de leite que pareciam ter meio quilo e me deixavam enjoada na quinta garfada” (p. 55).

A cidade turística, não dá a Anita conforto emocional, apenas as várias comodidades proporcionadas pelo consumo. Anita não busca experimentar o contato com a cultura local, fora do circuito turístico, vive apenas a solidão. Ela se vê “separada de todos - pela distancia geográfica, pela morte, pela variedade muito particular de autismo que me impedia de acreditar na possibilidade de conhecer gente nova nesse pedaço de mundo na qual tinha me enfiado” (p. 61). Os contatos com os argentinos são apenas casuais.

Sua experiência com a cidade é ressignificada quando reencontra José Holden, um ouvinte na palestra de lançamento do livro. Até então a cidade tinha sido uma experiência entediante para Anita. Os dois começam a se encontrar com frequência, o que percebemos posteriormente que era plano de Holden se envolver com ela. Anita entra no jogo e decide deixar-se envolver com José. É em uma casa de Tango onde os dois ensaiam uma dança, que Anita se livra da tensão provocada pela solidão e se sente confortável. Os dois logo passam a morar juntos. A partir daí, outra cidade se revela para a protagonista. A casa de Holden fica em “Palermo Viejo”, fora dos circuitos turísticos tradicionais. A vida noturna, em botecos sórdidos é completamente distinta daqueles anteriormente visitados.

Além de Holden, o grupo de amigos que o circunda se torna outra dimensão do contato de Anita com os estrangeiros. É um grupo bastante intrigante. Anita reconhece a estranheza desses amigos. Todos haviam lido o livro dela. Holden, Juanjo, Silvia, Pepino e Vigo se reúnem devido a uma visão muito particular de literatura. Seus nomes não são reais, suas identidades são tomadas dos personagens dos livros que um dia escreveram. O nome real de José Holden é Diego Parisi. Eles desempenham papéis, e buscam alcançar os destinos dos personagens imaginados. Mesmo os mais terríveis. Buscavam uma “equivalência perfeita entre o imaginado e o vivido” (p. 120). A literatura se intercala como o modo possível de interpretação da realidade, e o meio pelo qual a vida desses atores se pauta. Para Anita, aquele grupo demonstrava ser “o tipo de gente que leva a literatura a sério demais, que só consegue pronunciar essa palavra como se ela tivesse inicial maiúscula” (p. 89).

A alteridade se constrói então na tensão entre a visão do grupo de escritores argentinos e sua ideia de literatura imbricada ao tecido da realidade e o distanciamento de Anita, que impõe um distanciamento da própria literatura. Para esses argentinos toda a literatura é apenas uma expressão do seu autor, por mais que tente disfarçar, Holden afirma que qualquer escritor “apenas elabora tudo o que gostaria de viver, as pessoas que gostaria de ser, o mundo como ele apenas enxerga” (p. 90). O livro de Anita, que ela despreza, é assumido por Holden e seus amigos como uma expressão fiel do seu íntimo. Anita ainda expressa que é possível “colocar-se no lugar dos outros” (p. 90), mas evita entrar em conflito e finge adotar a postura do grupo. Ela resolve assumir o papel esperado da parte dela e se integrar apenas para concretizar o seu desejo de ter um filho. Assim, a tensão do romance se constrói nessa duplicidade.

No seu desejo de ser mãe, Anita embarca na identidade fictícia de seu livro. O romance se encerra<sup>9</sup> com a sugestão de que a protagonista, Magnólia, poderia ter empurrado o seu amante, um professor de curso pré-vestibular, de um penhasco. Holden busca reconstruir essa cena na Cordilheira dos Andes, no extremo sul argentino. José Holden, personagem criado e interpretado por Diego Parisi tem um destino trágico. No livro, o personagem é sacrificado em um ritual de uma religião inventada por ele

---

<sup>9</sup> Durante a participação de Anita na Feira do Livro de Buenos Aires, ela escolhe ler o último capítulo do livro para a plateia. No trecho lido, o leitor de *Cordilheira* acompanha a trajetória de Magnólia em *Descrições da Chuva*. Galera se apropria de um expediente comum em Jorge Luís Borges, por exemplo, e suas inúmeras referências a livros fictícios.

mesmo. Urge concretizar esse destino, crê Diego-Holden e é Anita-Magnólia que deve fazê-lo, empurrando-o do alto da cordilheira. Determinada, Anita resolve fazer o seu desejo. Seria “uma troca justa”, a da gravidez dela pela morte desejada.

Anita engravidada de Holden. Porém, não consegue empurrá-lo do penhasco no ritual. No momento que o grupo está no lugar escolhido, a montanha de Cerro Bonete em Ushuaia, ela desiste de fazer o combinado e simultaneamente sofre dores que prenunciam o aborto. Holden se joga mesmo assim.

A experiência argentina de Anita se encerra nesse momento. Ela retorna ao Brasil, mas não para seu relacionamento anterior com Danilo. A experiência a transformou. Mesmo não tendo realizado o desejo intenso de ter um filho, não nos parece a mesma mulher que retornou. A ficção levada às últimas consequências pelo grupo de escritores argentinos ganha uma assustadora presença na realidade, com uma morte. Na trama proposta por Daniel Galera, não é a incompreensão ou estranhamento com a Argentina que transforma Anita, mas o relacionamento com esse grupo de escritores estrangeiros e sua concepção radical de literatura. Eles são os outros, uma alteridade irreduzível.

#### **4. *Estive em Lisboa e Lembrei de Você e a identidade do imigrante***

Luiz Ruffato, quando do anúncio do projeto, era um escritor com uma carreira consolidada no panorama literário brasileiro. Autor de *Eles Eram Muitos Cavalos*, de 2001, um romance inovador e ganhador de prêmios significativos<sup>10</sup>, além de volumes de poesia e contos.

O livro de Ruffato para a coleção, *Estive em Lisboa e lembrei de você*, é narrado em forma de depoimento por Sérgio um mineiro que narra a sua emigração de Cataguases para Portugal. Sergio tinha um emprego decente de operário em Cataguases e vivia com sua mãe uma vida modesta. Ele engravidada Noemi, sua vizinha, com quem manteve um relacionamento rápido. Porém, mas que devido a pressões familiares é obrigado a se casar. O casamento com Noemi logo desanda, “tinha ‘ideia fraca’” (Ruffato, 2009, p. 24), desestabilizando Sergio. Os dois se separam, e o pagamento da

---

<sup>10</sup> O romance *Eles Eram Muitos Cavalos* foi vencedor dos prêmios Machado de Assis da Fundação Biblioteca Nacional de 2001, O prêmio APCA 2001 e recebeu menção especial no prêmio Casa De Las Americas do mesmo ano.

pensão alimentícia para o filho Pierre, se torna mais um problema que tem que lidar. A isso se acrescenta a morte da mãe, que talvez tenha sido acelerada pelas constantes brigas com a família da ex-esposa. Ele perde seu emprego, e sem oportunidades, vê na emigração para o “estrangeiro” a possibilidade de acumular dinheiro e ascender socialmente.

Luiz Ruffato escolhe para estruturar a sua narrativa acompanhar a trajetória de um único personagem, que narra em 1ª pessoa sua história desde as causas de saída do Brasil e a sua vida no país estrangeiro. Sérgio porém não narra a sua história como em um romance tradicional. Como nos é informado em uma nota assinada por “L.R.” no início de *Estive em Lisboa*<sup>11</sup>, a história é narrada por meio de um depoimento ficcionalizado, “minimamente editado” (p. 14) e que possui fortes marcas de oralidade. Ele pertence a outro universo, o das classes populares, longe do mundo intelectual.

Sérgio não possui referências culturais de outro país, exceto pelos cigarros importados *John Player Especial* que uma vez ganhou de um vendedor de uísque em São Paulo (p. 17). Retrospectivamente, Sérgio acha que “naquele dia, pela primeira vez, me roeu uma vontade danada de viajar pra-fora, invejoso da ladinice do fulano” (p. 17). O cigarro, aliás, possui uma função importante no romance. Sérgio estrutura sua narrativa memorialística em dois momentos distintos: como deixou de fumar e como voltou. Para ele, sua vida antiga sai dos trilhos precisamente quando ele decide a parar de fumar. A partir daí, organiza sua narrativa memorialística em uma sequência de rupturas: o cigarro, ao perder o emprego e a mãe e os problemas irreconciliáveis com Noemi. Em suma, a quebra dos laços que o amarram ao Brasil.

Perguntado sobre o que faria da vida naquela situação, Serginho<sup>12</sup> responde, irrefletidamente, que iria para o estrangeiro. Seu Oliveira, dono de um bar, acaba dando a Sergio o impulso que faltava ao indicar Portugal como uma espécie de Eldorado moderno:

‘O caminho é Portugal’, e, diante da admirada plateia, decantou as maravilhas do país para onde todo mundo estava seguindo, e que, se mais novo até mesmo ele voltava, ‘O momento é de reconstrução’, dinheiro não era problema, falta mão-de-obra, e os portugueses andam assoberbados,

---

<sup>11</sup> Devido ao longo título, passaremos a nos referir a sua forma abreviada.

<sup>12</sup> Sérgio é também referido no romance pela alcunha de “Serginho” geralmente utilizada pelos familiares e conhecidos. Quando passa a viver em Portugal, seus compatriotas geralmente se referem a ele pelo diminutivo. Nessa comunicação nos utilizaremos dos dois nomes dependendo do contexto usado na obra.

‘Escolhendo serviço’, e sobram oportunidades pros brasileiros e pros pretos (que é como eles chamam as pessoas de cor) (p. 25).

As maravilhas narradas por Seu Oliveira acabam formando a imagem que Sérgio constrói de Portugal. Seus pensamentos se ocupam do retorno glorioso ao bairro. Dá como certo que ao retornar se tornaria membro da elite de Cataguases, um “bambambã” (p.33). O otimismo contamina todos ao seu redor. Antes de viajar Sérgio começa a ser assediado para comprar imóveis com o dinheiro que seria conquistado no exterior.

Nada mais descolado da sua realidade. A viagem para Lisboa se dá em um contexto de premente necessidade e penúria financeira. Ele viaja apenas com uma quantia poupada (“a rapa-do-tacho do Fundo de Garantia”) e parte recebida da única herança da mãe, a venda da metade de uma pequena casa para sua irmã, Semíramis.

Na irônica expressão de Silviano Santiago, Sérgio é um legítimo representante do “cosmopolitismo do pobre”, e vive um novo tipo de desigualdade social pós-revolução industrial e transnacional, onde para suprir de mão-de-obra barata para as grandes metrópoles do mundo desenvolvido e graças às facilidades advindas da democratização dos meios de transporte, abrem-se as possibilidades de emigração, clandestina. Nas metrópoles pós-modernas do mundo desenvolvido, “o fluxo de seus novos habitantes é determinado em grande parte pela necessidade de recrutar os desprivilegiados do mundo que estejam dispostos a fazer os chamados serviços do lar e de limpeza e aceitem transgredir as leis nacionais estabelecidas pelos serviços de migração” (Santiago, 2004, p. 51).

Lisboa é um lugar muito hostil ao imigrante clandestino. Sérgio se encontra desamparado e desorientado. O frio, o mau humor dos portugueses, a sensação de “velhice” provocada pela arquitetura antiga compõe um cenário de desolação para esse personagem. O medo da deportação também é bastante presente.

Há uma ampla gama de personagens com os quais Sérgio mantém contato. Ele transita entre o mundo dos portugueses e o mundo dos imigrantes, que salvo poucas situações, são muito pouco inter-relacionados. Dentre os portugueses, pela condição de brasileiro, Sérgio é tratado desde a franca hostilidade como pela dona da pensão na qual se hospeda, Dona Palmira, a até com alguma simpatia, como com o Seu Carrilho, que viveu no Brasil. Persiste porém a representação negativa dos portugueses em relação aos brasileiros, como quando no *tasca*, Serginho é ridicularizado por causa de seu

estranho modo de falar pelo grupo de portugueses liderados pelo Poeta, “Daí, todas as vezes que me via, requeria que eu palestrassem um pouquinho com o pessoal para escutar o meu **acento** e se divertir, ‘Estes brasileiros!’” (Ruffato, 2009, p. 51).

Entre os imigrantes de outras nacionalidades a convivência não é mais fácil. A disputa pela sobrevivência é brutal e solitária. Um angolano, Baptista Bernardo, que perdeu a perna durante a guerra civil e é obrigado a tolerar a prostituição da própria mulher para se sustentar sequer lhe dirige a palavra, (p. 54) um guineense, Nino, colega de trabalho de Sérgio na taverna, só recebe trabalhos pesados e é “tratado aos pontapés” (p.57). Sérgio consegue um emprego de garçom em um restaurante no Bairro Alto, e é com Anatólio, um ucraniano, que se torna alterego de Serginho, que essa competição se torna mais evidente. O ucraniano é garçom também, mas fala várias línguas estrangeiras e acaba ganhando a maior parte das gorjetas deixadas pelos clientes do restaurante. Edward Said alude a esse sentimento como a condição ciumenta do exílio:

O que você consegue é exatamente o que não tem vontade de compartilhar, e é ao traçar linhas ao seu redor e ao redor de seus compatriotas que os aspectos menos atraentes de estar no exílio emergem: um sentimento exagerado de solidariedade de grupo e uma hostilidade exaltada em relação aos de fora do grupo, mesmo aqueles que podem, na verdade, na mesma condição que você (Said, 2003).

Com o emprego, Sérgio sonha em tomar o lugar de Anatólio e assim acumular mais dinheiro. A ocupação o permite retomar os sonhos de economizar dinheiro e retornar ao Brasil. Um dia, na zona de meretrício conhece Sheila, uma prostituta brasileira. Ela, vinda do interior de Goiás revela ter os mesmos desejos de Sérgio. A condição de prostituta a marginaliza ainda mais, estigmatizando, impedindo o acesso ao almejado emprego de vendedora nos bairros ricos de Lisboa, ela que passava as tardes

rodando as **montras**, cobiçando o trabalho das **empregadas de loja**, invejando as europeias esverdeadas de tão brancas, a japonesada só-sorrisos, arrastando sacolas entupidas de trens caríssimos, mas nem arriscava, o passaporte irregular, visto de turista, se pega, deportavam ela, sem ai nem ui (Ruffato, 2009, p. 67).

Com Sheila, as muitas andanças revelam uma interessante Lisboa, agora ressignificada, repleta de lugares agradáveis e potencialmente românticos, que

provocam nele sensações infantis e alegres. O tortuoso relacionamento amoroso entre os dois não chega, no entanto, a se consolidar.

A experiência com a linguagem proposta por Luiz Ruffato no livro indica a relação de Sérgio com a experiência da alteridade. À linguagem marcada pelo sotaque mineiro vão se incorporando palavras e expressões lusitanas que estão destacadas do texto, em negrito, e que durante a narrativa vão transformando o vocabulário do personagem. A linguagem de Sérgio se torna um híbrido entre o modo de falar português e o brasileiro.

Porém, esse movimento da linguagem não denota a assimilação de Sérgio. Ele continua sendo um imigrante clandestino. Em um pedido desesperado de Sheila, concorda em “penhorar” seu passaporte com um agiota angolano, para garantir a ela uma quantia para quitar uma dívida. As possibilidades de retorno se tornam obscuras. Sua situação se complica ainda mais quando Seu Peixoto, dono do restaurante, o demite para contratar outro ucraniano em seu lugar, sugerindo, com meias palavras que estes imigrantes são mais úteis porque sabem várias línguas, tem melhor formação e querem começar uma vida nova enquanto os brasileiros sempre querem voltar, assim, conclui, “‘Feitas as contas’ na ponta do lápis, mais *sensato* contratar um *leste-europeu*, e além disso, ‘Não te ofendas, **pá**’, os fregueses preferem ser atendido por um **gajo** louro de olhos azuis” (p. 81).

Rodolfo, também imigrante, resume a situação precária “‘Nós estamos lascados, Serginho’, aqui em Portugal não somos nada, ‘Nem nome temos’, somos os *brasileiros*, ‘E o que é a gente no Brasil?’, nada também, somos *os outros*’ (p.78). O imigrante não encontra lugar, é um estranho. Sérgio, sem passaporte, tem possibilidades reduzidas de retorno ao Brasil. Deixa a pensão e passa a trabalhar como ajudante de pedreiro em uma obra. O único conforto que não é negado a Sérgio, é o de poder comprar um “maço de SG, um isqueiro” e voltar a fumar.

## 5. Conclusões

A análise desses dois romances publicados na coleção “Amores Expressos” denota que os autores escolheram problematizar a relação com o estrangeiro de maneiras distintas. A primeira leitura é em relação a sua forma. Tanto Daniel Galera como Luiz Ruffato estruturam suas narrativas de forma acompanhar a trajetória de um

único personagem, desde as causas de saída do Brasil e a sua nova vida no país estrangeiro. Porém, essas narrativas são contadas ao leitor de formas diferentes.

Daniel Galera se vale de uma narrativa centrada na metalinguagem. Sobre o papel da ficção em um mundo “real” é o foco. Seus personagens estão imersos nas possibilidades de representação do outro na literatura. Em *Cordilheira*, o outro é a própria literatura e sua capacidade de representação do real. A literatura é para o grupo de escritores argentinos a própria realidade, enquanto Anita busca uma existência autêntica onde a literatura não é algo que precisa ser levado tão a sério.

*Estive em Lisboa* é centrado nas relações sociais do imigrante com o país no qual escolheu para buscar melhores condições de vida. O outro é, no caso de Sérgio, os portugueses e os outros imigrantes. Suas dificuldades são semelhantes ao de muitos imigrantes que tentam fazer essa travessia. Ruffato busca representar a difícil inserção do imigrante nesse mundo novo. A construção identitária do imigrante é precária.

Os romances procuram representar contextos sociais bastante diversos. Enquanto que o próprio sustento quase nunca é uma preocupação para Anita durante o romance (exceto quando suas economias escasseiam e ela se muda para a casa de José Holden), para Sérgio é a única coisa que importa. Anita é uma representante de uma classe média paulista, educada e que possui oportunidades que foram negadas a Sérgio, operário, de origem popular. As experiências de linguagem propostas no livro de Ruffato tentam recuperar o modo de falar da região e da classe do seu protagonista. Na obra de Galera, não se observa essas experimentações. Por já ser escritora, Anita, pode se valer de um registro mais “literário” para narrar sua história, o que se apresenta verossímil no contexto do romance.

Os personagens dos dois romances acreditam em seus planos iniciais que a experiência fora do país teria um caráter provisório. Porém, apenas Anita vislumbra o retorno ao Brasil, após o período de poucos meses em que vive na Argentina. Esse período a transformou, ela não admite voltar à vida que tinha antes da viagem. Sérgio, como imigrante clandestino, vê cada vez mais distante a possibilidade de retorno. Seis anos e meio desde que parou de fumar (p. 83), trabalha precariamente de ajudante de pedreiro em uma obra, sem passaporte e sozinho.

O “amor expresso” previsto no projeto é trabalhado de maneiras semelhantes pelos dois autores. Nos dois romances, a relação amorosa acaba dando ao personagem



uma nova compreensão da sua nova cidade. Desenvolve-se um processo de ressignificação dessas cidades. Anita descobre possibilidades de vivência em Buenos Aires distantes da homogeneidade da cidade turística e Sérgio vislumbra outra Lisboa, não tão hostil, onde a condição do exílio pode ser momentaneamente mitigada.

Dito isso, este trabalho está em condição de *work in progress* e as discussões serão enriquecidas com a incorporação dos outros livros publicados na coleção “Amores Expressos”.

### Referências bibliográficas

BERND, Zilá (1992). *Literatura e identidade nacional*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

CAPAVERDE, Tatiana da Silva (2007). *Estrangeiro*. In BERND, Zilá (org.). *Dicionário de figuras e mitos literários das Américas: DFMLA*. Porto Alegre: Tomo Editorial/Ed. UFRGS.

COZER, Raquel (2011). *O romance brasileiro na era do marketing*. Folha de S. Paulo, 23/10/2011. Disponível em <<http://folha.com/no994149>>, último acesso em 23/05/2013.

GALERA, Daniel (2008). *Cordilheira*. São Paulo: Companhia das Letras.

HALL, Stuart (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A.

LOBO, Rosana Corrêa (2010). *Amores expressos: narrativas de não-pertencimento*. Dissertação de mestrado em literatura. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica.

MELLO, Jefferson Agostini e BARRETO, Ricardo Gonçalves (2011). “Novas paisagens e passagens da literatura brasileira contemporânea”. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*. n. 38, jul./dez. 2011, p. 23-39. Brasília.

MIRISOLA, Marcelo (2007). Bonde das Letras. *Folha de S. Paulo*. 18 de março.

OLIVIERI-GODET, Rita (2007). “Estranhos estrangeiros: poética da alteridade na narrativa contemporânea brasileira”. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*. n. 29, jan./jun. 2007, p. 233-252. Brasília.

RODRIGUES, Sérgio (2007). *Polêmica Expressa*. Blog Todoprosa. 20/03/2007. Disponível em <<http://veja.abril.com.br/blog/todoprosa/posts/polmica-expressa/>> último acesso em 23/05/2013.

RUFFATO, Luiz (2009). *Estive em Lisboa e Lembrei de Você*. São Paulo: Companhia das Letras.

RUFFATO, Luiz (2013). *Alguns apontamentos sobre a literatura brasileira contemporânea*. Conexões Itaú Cultural, 27/05/2013. Disponível em <<http://conexoeditaicultural.org.br/biblioteca/alguns-apontamentos-sobre-a-literatura-brasileira-contemporanea/>>, último acesso em 06/06/2013.

SAID, Edward W. (2003). *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras.

SANTIAGO, Silviano (2004). *O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural*. Belo Horizonte: Ed. UFMG.

VOLPATO, Cadão (2007). Bonde das Letras. *Folha de S. Paulo*. 17 de março.

WOODWARD, Kathryn (2000). *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. In. SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *Identidade e diferença - uma perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes.